

Fonte: “Facundo e o Poder”. Fragmento da obra *Civilización y barbarie*, Domingo Faustino Sarmiento. In: CORRÊA, Ana Maria Martinez; BELLOTTO, Manoel Lelo. *América Latina de colonização espanhola: antologia de textos históricos*. São Paulo: HUCITEC / EDUSP, 1979, p. 190-194.

Facundo e o Poder

Este dia aziago (quando Facundo Quiroga assumiu o poder em La Rioja) corresponde na História de Buenos Aires a abril de 1835, quando o seu comandante de campo (Juan Manuel Rosas), seu herói do deserto, apodera-se da cidade.

Há uma circunstância curiosa (1823) que não devo omitir porque faz honra a Quiroga: nesta noite negra que vamos atravessar não se deve perder a mais débil claridade. Facundo ao entrar triunfante em La Rioja fez cessar os repiques dos sinos e, depois de mandar os pêsames à viúva do general morto, ordenou a celebração de pomposas exéquias para honrar suas cinzas. Nomeou e fez nomear para governador um espanhol plebeu, um Blanco, e com ele iniciou a nova ordem de coisas que deveria realizar o belo ideal de governo que havia concebido Quiroga; porque Quiroga, na sua longa carreira em diversas cidades que conquistou, jamais se encarregou do governo organizado, que abandonava sempre a outros. Momento grandioso e digno de atenção para os povos é sempre aquele em que uma vigorosa mão apodera-se de seus destinos. As instituições afirmam-se ou cedem seu lugar a outras novas mais férteis em resultados, ou mais conforme com as ideias que predominam. Daquele foco partem muitas vezes os fios que, entretecendo-se com o tempo, chegam a mudar a teia de que se compõe a história. Não é assim quando predomina uma força estranha à civilização, como Átila apoderando-se de Roma, ou Tamerlão percorrendo as planícies asiáticas; os escombros permanecem, mas em vão iria depois removê-los a mão da filosofia para buscar debaixo deles as plantas vigorosas que nasceram com o adubo nutritivo do sangue humano. Facundo, gênio bárbaro, apodera-se de sua terra; as tradições de governo desaparecem, as formas degradam-se, as leis são joguetes em mãos torpes e, em meio desta destruição efetuada pelas patadas dos cavalos, nada se constrói, nada se estabelece. O esparecimento, a ociosidade e a incúria são o bem supremo do gaúcho. Se La Rioja houvesse tido estátuas como tinha doutores aquelas teriam servido para amarrar os cavalos.

Facundo deseja possuir e, incapaz de criar um sistema de rendas, recorre ao que recorrem sempre os governos torpes e imbecis. Mas aqui o monopólio trará a marca da vida pastoril, a exploração e a violência. Arrematavam-se os tributos de La Rioja naquela época em dez mil pesos anualmente; esta era, pelo menos, a média. Facundo apresenta-se à mesa do arremate e já sua presença, até então inusitada, impõe respeito aos pastores. “Dou dois mil pesos – diz – e um mais sobre o melhor lance”. O escrivão repete a proposta três vezes e ninguém lança mais alto. Era que todos os concorrentes haviam se esgueirado um a um ao ler no olhar sinistro de Quiroga que aquele era o

último lance. No ano seguinte contentou-se em mandar ao leiloeiro uma pequena cédula escrita assim: – “Dou dois mil pesos e um mais sobre o melhor lance – Facundo Quiroga”.

No terceiro ano suprimiu-se a cerimônia do leilão e no ano de 1831 Quiroga mandava ainda à La Rioja dois mil pesos, valor fixado pelos tributos.

Mas faltava um passo a mais para fazer render o tributo um por cento e Facundo, desde o segundo ano, não quis receber o de animais, mas distribuiu sua marca a todos os fazendeiros, a fim de que cercassem o tributo e o guardassem nas estâncias até que ele o reclamasse. As crias multiplicavam, os tributos novos aumentavam o rebanho de gado e em torno de dez anos pode-se calcular que a metade do gado das estâncias de uma província pastoril pertencia ao comandante geral de armas e trazia sua marca.

Um costume memorial em La Rioja fazia com que o gado *mostrenco*, ou não marcado *em certa idade*, pertencessem de direito ao fisco que mandava a seus agentes a recolher essas cabeças perdidas e tirava da coleta uma renda não desprezível, se bem que sua arrecadação tornava-se intolerável para os estancieros. Facundo pediu que se lhe adjudicasse esse gado em ressarcimento dos gastos que lhe havia custado a invasão da cidade; gastos que se reduziam à convocação de milícias, que concorrem com seus cavalos e vivem sempre do que encontram. Possuidor já de partidas de seis mil novilhos ao ano, mandava às cidades seus abastecedores e infeliz o que viesse a concorrer com ele! Este negócio de abastecer os mercados de carne praticou onde quer que suas armas se apresentaram em San Juan, em Mendoza, em Tucumán, cuidando sempre de monopolizá-lo em seu favor por algum bando ou um simples anúncio. Dá nojo e vergonha, sem dúvida, ter que descer a estes pormenores, indignos de serem recordados. Mas que remédio? Após uma batalha sangrenta que lhe franqueou a entradas em uma cidade, a primeira coisa que o general ordena é que ninguém possa abastecer de carne o mercado... Em Tucumán soube que um morador, contrariando a ordem, matava reses em sua casa. O general do exército dos Andes, o vencedor da Cidadela, não acreditou dever confiar a ninguém a pesquisa de delito tão horrendo. Vai pessoalmente, bate fortemente à porta da casa que permanecia fechada e que, atônitos os de dentro, não conseguem abrir. Um pontapé do ilustre general a põe abaixo e expõe a sua vista esta cena: uma res morta que o dono da casa retalhava, que por sua vez também cai morto diante do olhar terrível do general ofendido.

Não me detenho nestes detalhes propositalmente. Quantas páginas omito! Quantas iniquidades comprovadas, e de todos sabidas, calo! Mas faço a história do governo bárbaro e preciso fazer conhecer seus desmandos. Mehmet Ali, dono do Egito pelos mesmos meios do que Facundo, entrega-se a uma rapina sem exemplo ainda na Turquia; constitui o monopólio em todos os ramos e o explora em seu benefício; mas Mehmet Ali sai do seio de uma nação bárbara. E eleva-se até desejar a civilização europeia e injetá-la nas veias do povo que oprime; Facundo, ao contrário, recusa todos os meios civilizados que já são conhecidos, os destrói e desmoraliza; Facundo que não governa porque o governo é já um trabalho em benefício alheio, abandona-se aos instintos de uma avaréza sem medidas, sem escrúpulos. O egoísmo é o alicerce de quase todos os grandes caracteres históricos; é o verdadeiro propulsor que faz executar todas as grandes ações; Quiroga possuía esse dom político num grau eminente e o exercitava

visando concentrar em torno de si tudo o que via disseminado na sociedade inculta que o rodeava: fortuna, poder, autoridade, tudo está com ele; tudo o que não pode adquirir: maneiras, instrução e respeitabilidade, persegue e destrói nas pessoas que a possuem.

Sem rancor contra a gente *decente*, contra a *cidade*, é cada dia mais visível; e o governador de La Rioja, colocado por ele, renuncia, por fim, pelo fato de ser humilhado diariamente. Um dia Quiroga está de bom humor e brinca com um jovem, como o gato brinca com o tímido rato; brinca a ver se mata ou não; o terror da vítima foi tão ridículo, que o verdugo pôs-se de bom humor, riu-se às gargalhadas, contrariando seu costume habitual. Seu bom humor não deve ficar ignorado; precisa espriar-se, estender-se sobre uma grande superfície. Toca o sino em La Rioja e os cidadãos saem às ruas, armados, ao som do alarme. Facundo que o fez tocar para divertir-se, põe em forma os moradores na praça, às onze da noite; retira das filas a plebe e deixa somente os moradores pais de família acomodados e os jovens que ainda conservam visos de cultura. Obriga-os a marchar toda a noite, fazer alto, alinhar-se, marchar para frente, de lado. É como um cabo de instrução que ensina uns recrutas e a vara do cabo anda pelas cabeças dos torpes, pelo peito dos que não se alinham bem; que querem? Assim se ensina! O dia sobrevém, e os semblantes pálidos dos recrutas, sua fadiga e extenuação revelam tudo o que se aprendeu na noite. Ao final dá descanso à sua tropa e leva a generosidade até o ponto de comprar *empanadas* e de distribuir a cada um a sua, que se apressa a comer, porque isto é parte da diversão.

Lições deste gênero não são inúteis para as cidades e o hábil político que em Buenos Aires elevou à sistema estes procedimentos, os refinou e faz produzir efeitos maravilhosos. Por exemplo, de 1835 até 1840, quase toda a cidade de Buenos Aires passou pelos cárceres. Havia às vezes 150 cidadãos que permaneciam presos dois, três meses, para ceder seu lugar a 200 que permaneciam 6 meses. Por que? Que haviam feito? Que disseram? Imbecis! Não está vendo que se está disciplinando a cidade? Não recordeis que Rosas dizia a Quiroga que não era possível constituir a República porque não havia costumes? E que está acostumando a cidade a ser governada: ele concluirá a obra e em 1844 poderá apresentar ao mundo um povo que não tem senão um pensamento, uma opinião, uma voz, um entusiasmo sem limites pela pessoa e pela vontade de Rosas! Agora sim pode-se constituir a República!

Mas voltemos a La Rioja. Surgira na Inglaterra um movimento febril de empresas interessadas nas minas dos novos estados americanos; poderosas companhias propunham-se a explorar as do México e as do Peru e Rivadávia, residente então em Londres, estimulou os empresários a trazer seus capitais para a República Argentina. As minas de Famatina prestavam-se às grandes empresas. Especuladores de Buenos Aires obtinham ao mesmo tempo privilégios exclusivos para a exploração, com o objetivo de vendê-las às companhias inglesas por somas enormes. Estas duas especulações, a da Inglaterra e a de Buenos Aires, chocaram-se em seus planos e não puderam entender-se. Ao fim houve uma transação com outra casa inglesa que devia fornecer fundos, e que, com efeito, mandou diretores e mineiros ingleses. Mais tarde especulou-se em estabelecer uma Casa da Moeda em La Rioja a qual, quando o Governo Nacional se organizasse, devia ser-lhe vendida por uma grande soma. Facundo, solicitado, entrou com um grande número de ações, que pagou com o Colégio dos Jesuítas, que se fez

adjudicar em pagamentos de *seus soldos* de general. Uma comissão de acionistas de Buenos Aires veio a La Rioja para realizar esta empresa e, de imediato, manifestou seu desejo de ser apresentada a Quiroga, cujo nome misterioso e terrível começava a ressoar por toda parte. Facundo se apresenta em seu alojamento com meias de fina seda, calças grosseiras e um poncho de tecido de má qualidade. Não obstante o grotesco desta figura, a nenhum dos cidadãos elegantes de Buenos Aires ocorreu rir-se, porque estavam demasiados avisados para não decifrar o enigma. Queria humilhar os homens cultos e mostrar-lhes o pouco caso que fazia dos seus trajes europeus.

Por último, taxas exorbitantes sobre a negociação do gado que não fosse o seu completaram o sistema de administração estabelecido em sua província. Mas além destes meios diretos de fazer fortuna há um que me apresso a expor, para desembaraçar-me de uma vez de um fato que envolve toda a vida pública de Facundo. O jogo! Facundo tinha a volúpia do jogo, como outros a do álcool, como outros a do rapé. Uma alma poderosa mais incapaz de alcançar uma grande esfera de ideias, necessitava essa ocupação fictícia em que uma paixão está em contínuo exercício, contrariada e fascinada a um só tempo, irritada, excitada, atormentada. Sempre acreditei que a paixão do jogo é, na maioria dos casos, uma boa qualidade de espírito que está ociosa pela má organização da sociedade. Estas forças de vontade, de abnegação e de constância, são as mesmas que formam a fortuna do comerciante empreendedor, do banqueiro e do conquistador que joga impérios em batalhas. Facundo jogou desde a infância; o jogo foi seu único prazer, seu desafogo, sua vida inteira. Mas, sabem o que é um jogador que tem como cacife o poder, o terror e a vida dos seus companheiros de mesa? Esta é uma coisa de que ninguém pode formular uma ideia, a não ser depois de tê-lo visto durante vinte anos. Facundo jogava sem lealdade, dizem seus inimigos... Eu não acredito nesta crítica, porque a má fé lhe era inútil e porque perseguia até a morte aos que a usavam. Mas Facundo jogava com recursos ilimitados; não permitiu nunca que alguém levantasse da mesa o dinheiro com que jogava; não era possível deixar de jogar sem que ele o permitisse; ele jogava quarenta horas, e mais, consecutivas; não estava perturbado pelo terror e podia mandar açoitar ou fuzilar seus companheiros de mesa, que muitas vezes eram homens comprometidos. Eis aqui o segredo da boa sorte de Quiroga. São raros os que lhe ganharam somas consideráveis, ainda que sejam muitos os que em determinados momentos de uma partida de jogo tivessem diante de si pirâmides de onças ganhas de Quiroga; o jogo continuou, porque ao ganhador, porque ao ganhador não lhe era permitido levantar-se e, ao final, apenas lhe ficava a glória de contar que já havia ganho tanto e o perdeu em seguida.

O jogo foi, pois, para Quiroga, um divertimento favorito e um sistema de espoliação. Ninguém recebia dinheiro dele em La Rioja, ninguém possuía sem ser convidado imediatamente a jogar e a deixá-lo em poder do caudilho. A maior parte dos comerciantes de La Rioja quebrou, desapareceu, porque o dinheiro tinha ido parar na bolsa do general; e não é porque não lhes dê lições de prudência. Um jovem havia ganho de Facundo, quatro mil pesos e Facundo não queria jogar mais. O jovem acredita que é uma armadilha que lhe estende e que sua vida está em perigo. Facundo repete que não joga mais, insiste o jovem aturdido e Facundo, condescendendo, ganha dele os quatro mil pesos e lhe manda aplicar duzentos açoites por *bárbaro*. (...) Que

consequências trouxe para La Rioja a destruição da ordem civil? Sobre isso não se pensa, não se discorre. Vai-se ver o teatro onde estes acontecimentos ocorreram e estende-se a vista sobre ele; aí está a resposta. *Os Llanos* de La Rioja estão hoje desertos; a população emigrou para San Juan; os poços que davam de beber a milhares de rebanhos secaram. Neste *Llanos*, onde há vinte anos pastavam tantos milhares de rebanhos, vagueia tranquilo o tigre que reconquistou o seu domínio; algumas famílias de mendigos colhem alfarroba para se manter. Assim pagaram os *Llanos* os males que estenderam sobre a República. “Ai de ti, Betsaida e Corozain! Em verdade vos digo que Sodoma e Gomorra foram melhor tratadas do que deveriam ter sido vós!”



ROTEIRO PARA ANÁLISE DA FONTE

Proposta: análise da construção do Estado-nação na Argentina sob a perspectiva de Sarmiento.

Quanto ao texto, seu autor e o contexto

- Construa uma síntese do perfil biográfico de Domingo Faustino Sarmiento.
- Caracterize a sua *Civilización y barbarie*.
- Sintetize o contexto histórico argentino vinculado ao autor e seu texto.
- Explícite as ideias principais do fragmento desta obra de Sarmiento.

Quanto a Facundo Quiroga

- Identifique e caracterize Facundo Quiroga.
- Discuta a sua atuação política, segundo a percepção de Domingo F. Sarmiento.
- Estabeleça uma conexão entre Quiroga e a formação do Estado Nacional argentino.